

O estigma sobre feminismo nas redes sociais: perspectivas feministas e antifeministas

Igor Ferreira Dantas
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: igorferreiracl925@gmail.com

Iarla da Silva Novaes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: iarlasilvanovaes@gmail.com

Ana Luiza Salgado Cunha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: ana.luiza@uesb.edu.br

131

Palavras-chave: Feminismo. Redes sociais. Feministas e antifeministas

INTRODUÇÃO

O presente texto reflete sobre o impacto das mídias sociais como um espaço dual para lidar com a violência contra a mulher, proporcionando informação e apoio, mas também ampliando ataques sexistas e misóginos. O Feminismo é descrito como um movimento político e revolucionário, essencial na conquista de direitos civis, políticos e liberdades das mulheres, apesar da resistência conservadora que estigmatiza o movimento com discursos moralistas e religiosos. O Grupo de Pesquisa VIVA'S aborda essas questões, explorando a história e os conceitos do Feminismo como essenciais para compreender o contexto das mulheres hoje. Utilizamos como referências importantes autoras que destacam a importância de lutar por uma sociedade que respeite as mulheres e não as coloquem em situações de subordinação e desrespeito. Dentre essas autoras, destacamos algumas obras importantes para a compreensão do feminismo e da construção desse movimento na sociedade: “Sejamos Todos Feministas” (Chimamanda, 2012), “Breve História do Feminismo” (Garcia, 2011), “Teoria Feminista: da margem ao centro” (hooks, 2019), “Emergência da Lei Maria da Penha no Brasil” (Gabriela Andrade

Realização:



Apoio:



Fernandes, 2017) e “Transfeminismo” (Nascimento, 2021). Essas obras foram discutidas no Grupo de Estudos VIVAS ao longo do último ano.

Carla Garcia (2011) discute como o machismo é um discurso hegemônico de desigualdade na sociedade, onde os homens são percebidos como superiores às mulheres em todos os aspectos sociais, políticos e culturais. Ela define o sexismo como métodos empregados dentro do patriarcado para perpetuar essa hierarquia, criando um complexo social e cultural onde os homens são ensinados a se ver como superiores e as mulheres são subordinadas e vistas como objetos normais de subalternidade. Nos últimos anos no Brasil, as mídias sociais como Instagram, Facebook, Twitter, YouTube e Spotify têm um impacto significativo na vida cotidiana, influenciando tanto positivamente quanto na disseminação de "hate" e "fake news" sobre mulheres e movimentos feministas. Um exemplo é Luísa Sonza, cujo álbum "Escândalo Íntimo" se destacou nas plataformas digitais, sendo o primeiro de uma artista brasileira a alcançar mais de 12 milhões de acessos em 24 horas no Spotify. Apesar do sucesso, Luísa enfrenta preconceitos como machismo e sexismo, sendo rotulada de forma negativa na mídia e nas redes sociais, destacando como Gênero é moldado por normas sociais e não por características biológicas, como argumenta Garcia (2011).

DESENVOLVIMENTO

Segundo Bell hooks (2018), o Feminismo se opõe ao sexismo, à exploração sexista e à opressão, não sendo anti-homem nem visando excluí-los ou retirar seus direitos na sociedade. Apesar das conquistas sociais e políticas das mulheres ao longo das décadas, como a autonomia na realização de laqueaduras e a distribuição gratuita de absorventes pelo SUS em 2023, as mulheres ainda enfrentam desigualdades na participação em decisões públicas e políticas, dominadas por homens em posições de autoridade. Um exemplo é o polêmico PL1904, aprovado com urgência pela Câmara dos Deputados, que equipara o aborto tardio, incluindo casos de estupro, ao crime de homicídio com pena mais severa que a de agressores, gerando intenso debate e representando um retrocesso nos direitos das mulheres. O movimento feminista e os direitos das mulheres estão em destaque atualmente, especialmente nas mídias sociais como WhatsApp, Instagram, Twitter, Facebook e YouTube. Estes espaços permitem que

Realização:



Apoio:



mulheres discutam violências enfrentadas, denunciem assédios e compartilhem experiências. Redes sociais não apenas promovem ideias feministas, mas também facilitam o acesso à informação e debates. A visibilidade obtida nessas plataformas ajuda a conscientizar sobre os obstáculos enfrentados pelas mulheres, incentivando o engajamento feminista.

Há uma crescente onda antifeminista que dissemina desinformação e opiniões infundadas sobre o feminismo. Exemplos como a Deputada Estadual Ana Caroline Campagnolo, que possui um grande número de seguidores e promove obras antifeministas como "Feminismo: perversão e subversão". Ane Martin também contribui com seu Instagram "diário antifeminista". O movimento das Tradwives, ou "esposas tradicionais", cresce nas redes sociais, promovendo o conservadorismo e a submissão ao matrimônio e aos papéis tradicionais de gênero. Esses perfis desinformam mulheres em processo de compreensão do feminismo, levando a atitudes que contradizem os princípios do movimento e ampliam o distanciamento entre grupos minoritários. Algumas mulheres reproduzem inadvertidamente comportamentos machistas e patriarcais, sem reconhecer que seus direitos atuais são resultados de lutas feministas passadas.

Abordamos como perfis antifeministas utilizam imagens públicas de artistas como Anitta, Luísa Sonza e Ludmilla para atacar e desqualificar suas carreiras. Enquanto Luísa Sonza enfrenta ataques antifeministas, Ludmilla, uma cantora negra e periférica, é alvo de ataques sexistas e racistas, além do sexismo direcionado a sua cor. Isso evidencia que o feminismo não só busca igualdade, mas também reconhece as diferentes lutas enfrentadas por cada grupo dentro do movimento. bell hooks critica teorias hegemônicas em "Teoria Feminista: Da Margem ao Centro", defendendo uma abordagem mais inclusiva e interseccional que considera as experiências das mulheres marginalizadas. Anitta também enfrenta críticas por sua imagem sexualizada, apesar de seu sucesso global na música, mostrando como mesmo mulheres bem-sucedidas são alvo de ataques sexistas, racistas e religiosos.

Realização:



Apoio:



CONCLUSÃO

Buscamos discutir o impacto poderoso dos movimentos feministas na contemporaneidade, especialmente através das mídias sociais, essenciais, mas paradoxais. Destaca-se a importância crucial de redes sociais ativas para unir e fortalecer mulheres em suas causas contra discriminações como sexismo, violência e opressão. Alerta-se para o perigo de ignorar essa realidade e associar-se a grupos antifeministas, reforçando práticas prejudiciais. A necessidade de verificar rigorosamente a veracidade das informações é enfatizada, dada a disseminação de *fake news* em diversos meios de comunicação, muitas vezes com intenções de desacreditar os movimentos feministas. Conclui-se que o combate urgente às *fake news* é vital para preservar a busca por informação e conhecimento de qualidade.

134

REFERÊNCIAS

Garcia, Carla, Cristina. **Breve História do Feminismo**, São Paulo: Claridade, 2011.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Realização:



Apoio:

